

# REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES E DO FEMININO NA OBRA LITERÁRIA *MADAME COLETTE*

## REPRESENTATIONS OF WOMEN AND THE FEMALE IN THE LITERARY WORK *MADAME COLETTE*

Rosenilson da Silva SANTOS\*

**RESUMO:** O objetivo deste texto é analisar as representações das mulheres e do feminino na obra literária *Madame Colette*, publicada em 2013, por Caio Flávio Fernandes. As fontes selecionadas para o exercício foram: o livro, publicações na imprensa e em páginas virtuais de instituições culturais referentes à obra. A problematização foi desenvolvida, de modo geral, a partir de referencial constituído por trabalhos de autoras e autores desconstrucionistas e, de modo específico, a partir da operacionalização do conceito de representação, aqui entendido como conhecimento compartilhado socialmente para atribuir sentido a si, ao outro e ao mundo, tal como o definem Spink, Navarro-Swain e Jovchelovitch. Nossas conclusões são de que a obra, um *romance histórico*, representa e (re)atualiza imagens estereotipadas e negativas acerca das mulheres e do feminino, usando recursos específicos do gênero fictício e mesmo do argumento histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Literatura; Representação; Mulheres; Feminino.

**Abstract:** The aim of this text is to analyze the representations of women and the feminine in the literary work *Madame Colette*, published in 2013, by Caio Flávio Fernandes. The sources selected for the exercise were: the book, publications in the press and in virtual pages of cultural institutions referring to the work. The problem was developed, in general, from a reference made up of works by authors and deconstructionist authors and, specifically, from the operationalization of the concept of representation, here understood as socially shared knowledge to attribute meaning to oneself, to the other and to the world, as Spink, Navarro-Swain and Jovchelovitch define it. Our conclusions are that the work, a historical novel, represents and (re)actualizes stereotyped and negative images about women and the feminine, using specific resources of the fictitious genre and even the historical argument.

**KEY WORDS:** History; Literature; Representation; Women; Female.

### INTRODUÇÃO

Os limites entre a história e literatura são discutidos desde o período conhecido entre as historiadoras e os historiadores como Antiguidade Clássica. Com regularidade, de um lado se posicionam os que consideram que o texto historiográfico alcança níveis de realidade que o

---

\* Possui Licenciatura Plena e Bacharelado em História, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil, instituição na qual também obteve o título de Mestre em História. E-mail: rosenilson santos@yahoo.com.br

literário, caracterizado pela livre imaginação, não atingiria e nem teria por objetivo alcançar e, do outro, os que apontam semelhanças exponenciais entre narrativa histórica e narrativa literária. Numa Denis Fustel de Coulanges, historiador francês e referência no tratamento metódico do conhecimento histórico, afirmou em sua aula inaugural na Sorbonne, universidade na qual ocupou o posto de titular da primeira cadeira de História Medieval, em 1875: “A história não é uma arte; não consiste em narrar com encanto. Não se assemelha nem à eloquência, nem à poesia. O historiador pode ter *imaginação* [...], mas a história não é uma obra de *imaginação*” (DELACROIX; DOSSE e GARCIA, 2012. p. 98).

Mais recentemente a historiadora americana Natalie Zemon Davis reaqueceu o debate ao considerar que “A pesquisa histórica envolve algum trabalho de *imaginação* e a escrita da história exige uma habilidade que é, em parte, *imaginativa*. Há, por assim dizer, no modo como se pensa e se escreve, uma região em que as *fronteiras entres história e ficção se confundem*”. (2000, p. 108). Davis, através dessa reflexão, elaborou argumento semelhante aquele de Georges Duby:

quanto aos problemas da ‘encenação’ do texto historiográfico... eu digo que a maneira como organizo os meus textos testemunha em primeiro lugar uma certa humildade para com a informação, a consciência que tem o historiador de só poder atingir uma parte da realidade e, por consequência, de *preencher* forçosamente os *vazios com o que imagina* (DUBY *apud* VAINFAS, 1997. p. 146).

Esse debate se adensa se envolvermos trabalhos e argumentos de autores como Hayden White, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg e pode se tornar um tanto quanto dramático quando seus posicionamentos são inseridos nas disputas por espaços acadêmicos, poder institucional, “uma dose” de leituras mal realizadas (ou não realizadas) e interpretações não tão bem-intencionadas.

Na maioria das vezes as/os historiadoras/es, ao dissertarem sobre essas disputas, acabam uniformizando o que é um texto literário, bem como o historiográfico, como se houvesse uma única forma de fazê-los e todos os textos literários fossem iguais entre si e, dessa mesma forma, também os historiográficos.

Acreditamos que há diferenciações entre as narrativas de um mesmo gênero e, nesse sentido, nosso interesse em específico se concentra em um tipo textual particular dentre os literários: o *romance histórico* e naquilo que ele pode ser útil a um trabalho historiográfico.

O “romance histórico” se conforma como um gênero literário emergente no século XIX, caracterizado pela construção fictícia de uma narrativa que se assenta sobre um plano histórico, para isso, recorrendo a acontecimentos, costumes e personagens de um ou mais períodos históricos. Esse gênero explora estratégias narrativas capazes de recompor/reapresentarem minúcia social localizada em estratos temporais específicos e submete quem lê, além do prazer da leitura, à ambientação através da refiguração imagética de cenários, noção da vida e das práticas de uma época, por meio de referências à personagens, muitas vezes típicos em um contexto, que tiveram sua existência registrada em documentos históricos.

Obras muito famosas que são enquadradas nesse gênero são *Os três mosqueteiros* de Alexandre Dumas (1844), *Guerra e Paz* de Leon Tolstói (1869) e, mais recentemente, o Nobel de Literatura de 1998, José Saramago, de forma especial em *Memorial do Convento* (1982), se tornou mundialmente famoso por traçar um *retrato* da sociedade portuguesa no século XVIII em sua literatura. No Brasil a obra de José de Alencar, especialmente os livros de perfil indianista, é tida como seminal entre os lusófonos da América.

O *romance histórico*, de modo muito geral, ambiciona realçar valores do passado, ocasionalmente de um modo saudosista, em virtude de tais valores terem se dissolvido no tempo e/ou pretende entender como os eventos se desdobram no presente, como ressonâncias do passado.

Neste sentido, pretendemos nesse ensaio investigar, a partir da análise de um *romance histórico*, representações de mulheres e do feminino que emergem na obra *Madame Colette*, de autoria de Caio Flávio Fernandes e publicado no ano de 2013. Nossa tese é a de que o autor representa as mulheres e o feminino de uma forma negativizada, sugerindo que o discurso que produz em seu livro alimenta implicações e efeitos históricos provenientes do cruzamento do texto literário com outros discursos em paralelo.

Mary Jane Paris Spink, com base nos trabalhos de Wolfgang Wagner, professor de Psicologia Social (Leibniz Institut), define *representação* como tipo de conhecimento, conjunto de imagens, crenças, metáforas e símbolos, compartilhados coletivamente por um grupo/comunidade/sociedade ou cultura (SPINK, 1996, p. 174). Partimos, portanto, dessa perspectiva para pensar que o texto literário, assim como qualquer texto produzido e

consumido, faz parte de um empreendimento coletivo e compartilhado, por meio do qual as pessoas produzem e socializam termos para a compressão do outro, de si e do mundo.

Como outras formas de expressão e comunicação humana, a literatura faz parte da empresa que é “dar sentido ao mundo” (SPINK; MEDRADO-DANTAS, 2000, p. 22), força poderosa e inevitável da vida em sociedade, segundo as autoras referenciadas.

Com essa perspectiva também dialoga Tânia Navarro-Swain (2002, p. 10) que, a partir das reflexões da filósofa Denise Jodelet, pensa as representações sociais como forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, contribuindo com a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

São as representações sociais, portanto, formas de mediação que residem, precisamente, nos espaços do “entre” da vida social, são através delas que nós damos a compreensão do *outro*, de *si*, do *ambiente* em que vivemos e dos ambientes em que são exteriores à nossa cultura. Segundo Sandra Jovchelovitch, “O processo de construção do *objeto externo* é, ao mesmo tempo, o processo que permite ao próprio *eu* colocar-se como objeto para *si mesmo*” (1998, p. 72). Nesse sentido, as representações se desenvolvem em uma rede social intersubjetiva e só têm eco e acepção nessa mesma rede, por esse motivo, elas emergem quando encontram coerência nas suas zonas de contato, mesmo que sua “recepção” se dê por meio da recusa. Com base nessa lógica, a recusa também é uma forma de compreensão das representações e dos seus efeitos, neste caso, tidos como negativos, e como expressão de “[...] identidades e afetos, interesses e projetos diferenciados, referindo-se assim à complexidade das relações (Idem, p. 81).

É, a partir do conceito de representação como conhecimento social partilhado e a serviço elaboração de uma determinada compreensão do mundo que, portanto, analisaremos a obra *Madame Colette*.

#### *Primeiras aproximações: obra, autor e personagens*

O convite que anunciava local, o Iate Clube de Natal, e a data do lançamento do livro *Madame Collete* pôde ser lido nas páginas de mais de uma edição de um dos dois jornais de maior circulação no Estado do Rio Grande do Norte, a *Tribuna do Norte*<sup>2</sup>, onde também era possível saber que esse se tratava do quinto livro publicado pelo autor. A obra e o autor têm o

reconhecimento de instituições culturais de renome, como da União Brasileira dos Escritores – UBE, que concedeu seu selo ao livro e ainda *assinou* a orelha da edição pelas mãos do presidente da seção estadual, Eduardo Antônio Gosson. Também o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN apoiou a publicação e, em sua página pública<sup>3</sup>, é possível obter informações sobre o autor, identificado como pertencente a uma “linhagem nobre” de escritores norte-rio-grandenses, já que sobrinho do poeta Jorge Fernandes, “introdutor do Modernismo em terras potiguares”.

Caio Flávio Fernandes, autor do livro *Madame Colette*, tem formação na área de Medicina, com especialização no campo da dermatologia e é professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, se dedicando com mais ênfase, atualmente, ao exercício da escrita. A narrativa específica do livro que pretendemos analisar ambienta o leitor na capital do Estado do Rio Grande do Norte, a cidade de Natal, dos anos 1940 em diante, chegando aos anos 1970, pelas referências ao que ocorria em Natal no contexto da Guerra do Vietnã<sup>4</sup>. Mas há desdobramentos do enredo que ocorrem no Rio de Janeiro e nos Estados Unidos.

Na página do IHGRN é patente o cuidado em apontar a genealogia literária a qual pertence o autor do livro e as qualidades de sua narrativa, garantindo ser ele “um Escritor de verdade”, no entanto, ao tratar especificamente do livro *Madame Collete*, o Instituto cometeu um deslize ao afirmar que Imaculada “se transformaria em Madame Collete” quando, na verdade, se tratam de duas personagens não somente distintas, mas com papéis muito importantes na trama, indicando que, possivelmente, quem elaborou a resenha do livro em nome do IHGRN não o leu, ou pelo menos, não o leu por inteiro.

Saindo da página do IHGRN e indo até a da seção estadual da União Brasileira dos Escritores<sup>5</sup> é possível localizar, além das informações relacionadas ao lançamento, à obra e ao autor, o mesmo equívoco envolvendo as personagens Imaculada e Madame Collete. Além dessas informações, que reproduzem o conteúdo presente no site do Instituto, no da União ainda é localizável um convite<sup>6</sup> em nome do presidente da UBE/RN à época, supracitado, e de Alfredo Valério Mesquita, que presidia o IHGRN no contexto do lançamento.

O título da obra, uma referência direta à personagem principal: Madame Colette, pode nos remeter à Mademoiselle Colette, pseudônimo literário de Sidonie-Gabrielle Colette, escritora francesa que viveu entre 1873 e 1954, tida como o maior nome feminino das letras

francesas na primeira metade do século XX, conhecida por sua vasta obra literária, por ser possuidora de uma considerável coleção de objetos de *Art Nouveau*, por ser mantenedora de um salão literário e pela sua vida escandalosa.

Assim como a Colette fictícia da obra de Caio Flávio Fernandes, a romancista francesa desafiou a sociedade de sua época, a partir de sua vida e obra. Em 1906, após divorciar-se pela primeira vez, ela

[...] deu início a uma carreira como atriz no teatro de revista, marcada pelos escândalos e atentados à moral pública. Numa ocasião terá desnudado um seio em palco e, noutra, causado uma rixa no famoso *Moulin Rouge*, ao simular o ato sexual, [posteriormente] seu envolvimento com o filho do [segundo] marido despoletou um novo escândalo<sup>7</sup>.

Na vida e na arte a escritora francesa, que pode ter servido de inspiração para o título do livro e mesmo para a protagonista da obra *Madame Colette*, surpreendeu a sociedade de sua época. Suas personagens jovens, normalmente adolescentes, lésbicas, prostitutas e proxenetas, bissexuais e travestis, desafiavam os conceitos de decência e retratavam a marginalidade urbana e o submundo parisiense, o que garantiu sucesso imediato à autora, bem como a inclusão de um de seus livros em uma lista de leituras proibidas pelo Vaticano.

O trabalho de ambas as Colettes, a da ficção brasileira contemporânea e a da França histórica, estava envolto em energia sexual, relações estreitas com personalidades da alta sociedade, contato com o submundo do comércio sexual e eram, ambas, muito bem-educadas: a fictícia, capaz de citar os clássicos com desenvoltura; a histórica, capaz de escrever trabalhos de sucesso estrondoso.

Mas o título também pode nos conectar com a atmosfera da *Mademoiselle Colette*, uma pastelaria localizada nos Estados Unidos, inspirada no glamour dos tradicionais cafés parisienses, reconhecida pelos sabores franceses de seu menu e pela sua decoração elegante e sofisticada. Que o autor tenha ou não se inspirado na escritora francesa ou feito uma referência à luxuosa pastelaria americana, a protagonista de sua obra é descendente de franceses, embora more no Brasil, na cidade de Natal, nos anos 1940, em um casarão de estilo neoclássico, ricamente mobiliado à francesa, capaz de impressionar a todos que lá tenham estado e é a superiora do cabaré mais famoso e requintado daquela cidade.

Madame Colette é, então, a protagonista do livro *Madame Colette*, respeitada, senhora da noite e dona do cabaré mais bem frequentados dentre aqueles que haviam no bairro da Ribeira, zona comercial durante o dia e boêmia durante a noite, naquela cidade à época.

Apesar da maior parte da trama do livro se desenvolver em espaços urbanos e noturnos daquela que era a maior cidade do Estado do Rio Grande do Norte, a narrativa se inicia com uma imagem recorrente e um tanto desgastada na e pela literatura brasileira: “a seca no sertão”, que provoca uma diáspora “injusta e inglória” dos sujeitos, transformando-os em mendigos e pedintes.

Essa imagem repetitiva e produtora de tantas representações negativas vem sendo problematizada no campo da História por autores como Durval Muniz de Albuquerque Júnior<sup>8</sup>. Esse historiador tem discutido em seus trabalhos e apontado que a fome, o retirante, as transformações sociais e esses deslocamentos humanos são provenientes muito mais da inexistência ou ineficácia de políticas públicas no que hoje se plasma como Nordeste do Brasil do que de um determinismo ambiental provocado pela seca onde ela é recorrente. Dessa forma, Albuquerque Júnior nos convida a desnaturalizar determinadas representações sobre a região e seus tipos regionais.

No Livro *Madame Collete*, no entanto, essa referência inicial à seca no sertão e a consequente migração de uma de suas personagens dali para a o mundo urbano cumpre com um papel específico no gênero literário ao qual pertence a obra: a montagem de uma “figura típica”, que são personagens comuns e definidores do gênero *romance histórico*. Neste momento inicial da narrativa, sua personagem é caracterizada por uma dupla expulsão, a do parto: que dá origem a Maria Imaculada da Silva; e a da seca: que também a expulsa, já em idade juvenil, do sertão para Natal.

Assim como a história de Macabéia, também “retirante da seca”, sonhadora, ingênua e personagem do romance *A Hora da Estrela*, de autoria Clarice Lispector, a de Imaculada seria marcada por um narrador onisciente e um tanto quanto conservador, além do gosto por goiabada, e de queijo de coalho. Este último ingrediente confere identidade à personagem potiguar em relação a alagoana Macabéia.

A tuberculose e um estrangeiro loiro seriam a felicidade e miséria de Macabéia de Clarice Lispector. Já apresentando sintomas dessa doença a personagem de *A Hora da Estrela* procurou uma cartomante que lhe previu um matrimônio com um estrangeiro loiro, bonito e um

futuro maravilhoso. A previsão não se concretizaria uma vez que Macabéia será atropelada por um homem que tinha as exatas características físicas que a cartomante conferira ao seu suposto e futuro cônjuge. No caso de Imaculada, também um estrangeiro e a tuberculose demarcariam momentos importantes na sua vida e morte, respectivamente. Serem retirantes, terem suas histórias narradas de modo onisciente, o gosto por goiabada e queijo [de coalho], a tuberculose e o trágico que foi o surgimento de um estrangeiro loiro em suas vidas são, portanto, linhas de cruzamento entre as personagens principais das obras de Clarice Lispector e de Caio Flávio Fernandes.

Tendo sido expulsa pela seca, ao chegar em Natal, Imaculada conheceu e se apaixonou por um soldado estadunidense, um dos muitos loiros americanos que se instalariam em Natal na década de 1940 por ocasião da II Guerra Mundial<sup>9</sup>. Para desviar da vigilância de sua madrinha, que dela cuidava em Natal, bem como de sua consciência cristã, segundo o narrador, Imaculada contava apenas com sua “dissimulação natural, [esta que é] inerente à condição feminina<sup>10</sup>”.

Sozinha e grávida ela se viu quando seu primeiro amor partiu para o cenário europeu da II Guerra Mundial, lá falecendo e, portanto, depositando sobre Imaculada mais uma camada de tipicidade: a de “mãe solteira”. O resultado da relação da brasileira e do soldado americano foi David Filho, que se tornará um personagem muito importante na medida em que afetos e desafetos da trama se desenvolverão em torno de seu destino.

Imaculada, na condição de mãe solteira e abandonada por sua família consanguínea obteve a proteção de Madame Colette, que a recepcionou em sua moradia, bem como ao seu filho. Embora, segundo o narrador, “A maternidade [fosse] uma [...] força biológica intensa em todas as espécies<sup>11</sup>”, o que aproxima as mulheres humanas das demais fêmeas de outras espécies, Madame Colette não havia sido mãe quando jovem, nessa fase da vida feminina em que se exerce toda a “plenitude da beleza”, por esse motivo era uma mulher entristecida e de comportamento hermético.

Se do próprio ventre, quando jovem, não havia conseguido substanciar aquela que é, para o narrador, uma força biológica intensa: “ser mãe”, Colette o seria por meio da maternidade de Imaculada. O narrador, de forma recorrente, afirma que “com a convivência da criança ela redescobriu, na plenitude, o seu *instinto maternal*, que permanecera adormecido por longos anos”. David Filho, deste modo, será o caminho através do qual Colette corrigirá uma



significativa lacuna em sua vida de mulher: a ausência de um filho, que ajudará a protagonista a superar “[...] todas as frustrações da ausência da maternidade [...]” e se tornará “[...] única motivação de sua vida<sup>12</sup>”.

A historiadora Suzane Oliveira (2009, p. 12) nos alerta para os perigos de observarmos o passado a procura de exemplos femininos<sup>13</sup> e, de modo nostálgico, associarmos as mulheres à maternidade, reforçando concepções essencialistas sobre o corpo feminino. Embora não seja historiador e sua obra não tenha a pretensão de ser uma obra de história, tanto que logo de início o autor afirma: “Esta obra é uma ficção<sup>14</sup>”, o modo como o narrador pensa o corpo feminino se baseia, de forma clara, em condutas e comportamentos que são determinados ou impulsionados por uma suposta *natureza feminina*, tanto que a mãe de Imaculada “lambeu a cria” assim que a teve em seu colo, como fazem as fêmeas de outras espécies, sendo essa metáfora ilustrativa da maneira como são representadas as mulheres no livro.

De modo semelhante, ao final da trama, uma tia americana de David, ao vê-lo pela primeira vez, sem que com ele nunca tivesse tido contato anteriormente, sentiu que aquele garoto era seu sobrinho, graças ao seu “instinto feminino<sup>15</sup>”.

A lógica do pensamento que relaciona alguns sujeitos à natureza tem origem no que alguns/mas autores/as concebem como a perspectiva da colonialidade do conhecimento<sup>16</sup>. A proximidade da natureza e a respectiva distância da razão tornariam esses *sujeitos* mais suscetíveis a dominação e a exploração, quando não, esse *elo natural* se torna a justificativa para que um processo de educação seja desenvolvido para gerar uma distância necessária em relação à natureza.

O exemplo da colonização dos ameríndios e da escravização de mulheres e homens africanos, esses últimos transportados à força para as Américas, são ilustrativos de como essa educação se plasma na tentativa de imprimir subjetividades particulares sobre os sujeitos, permitindo que hierarquias sejam criadas e mantidas, ironicamente, por meio de uma “naturalização” de determinadas práticas culturais, como a língua, a religião, o trabalho e a monogamia. A natureza, equivalente e simultaneamente, é negada e invocada para garantir que um determinado padrão cultural se estabeleça sobre outros que se ambicione eliminar.

As relações sexuais de dominação, que se conectaram e se interseccionaram com controles de outros tipos e se tornaram massacrantes sobre as mulheres, especialmente no ocidente moderno, se estabeleceram com base neste tipo de argumento de que a pouca distância

em relação a natureza e uma racionalidade restrita, quando não ausente, suprimia nas mulheres quaisquer capacidades políticas, o que conferia aos homens, no papel de irmãos, pais, maridos e mesmo filhos, a administração sobre seu patrimônio, seu corpo e sua vida, no mais extremo desse processo, sobre seu passado e a narrativa sobre o mesmo, ou seja, sobre sua história, ocasionando, até recentemente, a sua ausência na História.

Magareth Rago (2000) nos alerta para o fato de que o saber médico – e aqui chamamos atenção para o autor e não para o narrador, que tem formação na área de medicina – e sua misoginia desenvolveu e manteve argumentos sobre uma suposta limitação física do corpo feminino, que justificava sua inadequação ao mundo dos negócios e na política.

Em *Madame Colette* sua personagem principal viveu infeliz até que pudesse ser mãe, mesmo que psicologicamente: “A infelicidade afetiva no decorrer da vida, agora era secundária diante do afeto e do carinho que sentia pela criança” [...] “A maternidade psíquica lhe trouxera de volta as alegrias perdidas”<sup>17</sup>. É a própria maternidade que permite Colette viver uma “alegria plena na maternidade tardia”<sup>18</sup>, “Tudo na sua mente girava em torno da criança, seu motivo maior das alegrias ressuscitadas”<sup>19</sup>. Porém, se David Filho recuperaria tantas energias em Colette, o mesmo não ocorreria com sua mãe biológica, Imaculada.

*Segundas aproximações: pobres, homossexuais, homens e mulheres e Imaculada, uma mãe “sem instinto materno”.*

Se em Colette a maternidade, ainda que psicológica, causou tantas felicidades, como nos relata o narrador, em Imaculada, mãe biológica e em quem, na perspectiva essencialista, deveria o instinto materno ser mais forte, não ocorreria o mesmo. Passada a primeira infância de David Filho ela se apaixonou por um comerciante e com ele fugiu para o Rio de Janeiro, deixando seu filho aos cuidados de Colette.

O narrador não reflete muito sobre o fato de que a mãe de Imaculada foi capaz de se desfazer de sua filha e enviá-la para Natal, que sua madrinha, na condição de mãe adotiva, decidiu expulsá-la de casa quando descobriu a sua gravidez e que a própria Imaculada não teve seu instinto materno de proteção ativo quando decidiu ir para o Rio de Janeiro, acompanhando um novo amor, e abandonando David Filho. O “suposto” instinto materno foi rompido

sistematicamente na narrativa, mesmo assim o autor mantém a ideia de que ele existe de forma essencial e original nas mulheres.

Na Lapa, bairro boêmio de Rio de Janeiro, Imaculada viverá seu novo amor. Ao tratar do novo ambiente e da violência que já caracterizava a região o narrador reproduz uma série de preconceitos em relação aos pobres. Segundo o mesmo: “A barbárie estava ali, impregnada no tecido social das camadas mais primitivas da sociedade<sup>20</sup>”. Sua percepção sobre as pessoas de vida econômica limitada, no entanto, é evidente desde que trata do desejo de ascensão de uma das prostitutas de Natal, afirma ele: “A ambição, esse sentimento mais arraigado nas pessoas, com origem no estrato social mais pobre, era a força que mantinha Carminha de pé naquele tipo de vida<sup>21</sup>”. Ignora o narrador que o desejo pelo progresso é uma máxima da cultura ocidental, não é algo restrito às pessoas mais pobres apenas.

A ideia de que “Ascender socialmente é um desejo que atinge, em cheio, os indivíduos mais pobres e menos favorecidos da população<sup>22</sup>” ressurge ao longo do texto. No entanto, não é uma marca da pobreza o desejo de ser outra coisa que não ela mesma, a pobreza também é anestésica, ao tratar do momento da morte de Imaculada o narrador afirma que “Quanto mais ignorante e primitivo o indivíduo, menor o sofrimento e a angústia existencial diante da doença que mina a saúde e leva ao óbito<sup>23</sup>”, na ocasião pobreza e ignorância são equiparáveis e, ao extremo, inibem até mesmo o sentimento de dor. Os abastados e bem formados, na percepção do narrador, sentem o sofrimento com mais densidade, os pobres vivem de forma mais anêmica às dores da vida.

Se é possível perceber no texto a hierarquia entre pobres e ricos, também o é em relação as distinções entre homens e mulheres, essas, inclusive, mais marcantes e mais presentes ao longo do livro. Na primeira relação sexual entre Imaculada e Podansk, aquele amante que a levaria para morar no Rio, enquanto ele satisfazia apenas seus *desejos físicos*, ela o fazia em relação às suas *fantasias afetivas*, o que continuaria ocorrendo, mesmo quando ele não mais a desejava, mas essa “Era uma *condição inerente à sensibilidade feminina*, gostar de homens aventureiros e cafajestes<sup>24</sup>”, que na maioria das vezes não as correspondiam do ponto de vista das afetividades.

Mesmo que nos desloquemos do plano da fala do narrador e nos aproximemos dos personagens da trama, eles acabam refletindo a mesma posição em relação as diferenças entre homens e mulheres. No Rio de Janeiro, ao tentar explicar a uma sua amiga o porquê de ter

abandonado o seu filho para viver na capital do país e ao lado Podansk, o comentário da interlocutora é o de que: “É sempre assim, a mulher perdendo a *razão* e fazendo loucuras pela *paixão*. Por isso que os homens *dominam* o mundo, são mais *racionais* ... Agem mais com a *cabeça* do que com o *coração*<sup>25</sup>”.

A hierarquia entre homens e mulheres se verifica, também, quando uma amiga percebe que Imaculada será abandonada por aquele que a subtraiu de sua vida em Natal e de seu filho, sua reflexão é que: “O homem é o animal do *instinto* e mulher da *sensibilidade*<sup>26</sup>”, o que justificaria tamanha crueldade por parte de alguém a quem Imaculada havia dedicado, por paixão, o sacrifício de abandonar sua vida em Natal e David Filho lá.

Tanto no plano do narrador como de alguns de seus personagens as mulheres são associadas a “paixão, loucura, coração e sensibilidade”, enquanto que os homens são ligados à “razão, dominação, racionalidade, cabeça e instintos”. Para Anne Fausto-Sterling (2001/2002, p. 59), em geral, ao usarmos o dualismo em alguma forma de argumento criamos hierarquias: em uma face depositamos elementos positivados, na outra, aquilo que é negativo e, por vezes, condenável.

O discurso que separa homens e mulheres, concedendo aos primeiros o *dom* da razão e tendo o sexo/corpo e a biologia/genética como suportes, colaborou no campo das ciências com a ideia de “imutabilidade das diferenças entre feminino e masculino” (NICHOLSON, 2000, p. 10), quase sempre fazendo do orgânico o suporte onde o social/cultural é plantado. De forma extensiva, esse mesmo discurso considerou doentio aqueles e aquelas que mancham ou mancharam a fronteira, que se deseja rígida, entre o feminino e o masculino.

O narrador da obra a que nos detemos também adota essa postura em relação a dois personagens não-heterossexuais da trama: um é Gigi, homossexual “afetado<sup>27</sup>” e de uma “ironia ferina e efeminada”. Seria Gigi aquele que ensinou Imaculada a dançar e ganhar os palcos do Rio de Janeiro. Mais uma vez, através desse personagem, a obra de Caio Fernandes, talvez, se conecte com a da escritora francesa Sidonie-Gabrielle Colette, visto que, “Aos 72 anos, depois de três casamentos e uma vida de escândalos, ela publicou seu romance mais aclamado de sempre: Gigi<sup>28</sup>”, que conta a história de um rapaz, Gilberte Alvar, educado como uma cortesã. A obra Gigi se tornou musical mais de uma vez, novela e filme.

Outro homossexual presente em *Madame Colette* tem a personalidade diferente de Gigi, é mais compenetrado e trabalha como entregador de cartas dos correios de Natal, também

efeminado, mas detentor de um “único pecado ... [aquele que é] fruto de um determinismo genético”. A homossexualidade de ambos os personagens, a de Gigi e a do carteiro, é pensada, na obra, como fruto de uma regulação genética, do mesmo tipo que faz das mulheres, especialmente as jovens, suscetíveis à paixão.

Esse discurso que atrela o que é compreendido como diferente a um determinismo genético, que tem eco particular na ciência, seu berço e um dos suportes principais, ressoa em outras formas de conhecimento. Não podemos nos esquecer que o discurso da ciência também é posicionado, no caso do “discurso historiográfico interessado em domesticar o passado” (MUNIZ, 2015, p. 318) a partir de ideias e valores específicos, mas ele não é o único discurso que disputa o passado, há outros, como o cinematográfico, o religioso, o literário, que se envolvem no plano amplo das disputas para (re)apresentar o passado.

Aqueles e aquelas que no campo da história leram “A Operação Historiográfica” de Michel de Certeau aprenderam que historiadoras/res se expressam a partir de experiências e expectativas, que seu texto deve anunciar um/a pesquisador/a, suas operações, seu lugar, sua disciplina, seu modo de fazer, elementos que interferem no que ele produz, ou melhor, que são parte da história que é produzida.

Já o discurso literário não tem tais obrigações, podendo o narrador ocupar, inclusive, o lugar de deus: onipresente, onisciente e onipotente. O narrador da literatura pode cruzar a fronteira entre o que se entende por realidade e ficção sem que isso incorra em algum problema ao seu texto, como em *Madame Colette* é possível perceber na descrição da chegada de Imaculada ao Rio de Janeiro, quando essa assiste um espetáculo de dança encenado por Virgínia Lane, nome artístico da atriz, cantora e vedete Virgínia Giaccone, que recebera o título e faixa de “A vedete do Brasil”, concedido por aquele que, supostamente, foi seu amante por longos anos, o presidente Getúlio Vargas e que, pessoalmente, entregou-lhe faixa<sup>29</sup>.

Assim como Virgínia Lane, imaculada também tivera um amante político, deputado e também proveniente do Rio Grande do Sul, que, a exemplo dos amores anteriores, a abandonou sem muita demora. As intersecções da narrativa de *Madame Colette* são muitas, é uma obra que dialoga com personagens documentados historicamente, personagens de outras obras literárias e esse exercício é feito por um autor que tem audição em instituições culturais importantes, o que confere um lugar de autoridade e legitimação ao seu discurso.

Outra ligação que posiciona Imaculada e Colette em comparação com uma personagem histórica é a do contexto em que a narrativa ficcional foi ambientada, a cidade de Natal em um período em que a presença de soldados estadunidenses era ali muito comum e onde uma prostituta ganhou bastante notoriedade: Maria Boa.

*Penúltimas aproximações: a história que a literatura conta?*

Ao jornal Tribuna do Norte

o escritor garante que a personagem não foi inspirada em Maria Boa: ‘não tem nenhuma relação. Madame Colette é uma personagem multi-facetada, que tem traços de várias pessoas. Ela é uma mulher de muita cultura, com gostos refinados’, ressalta Fernandes.

“Maria Boa” a quem o jornal e o autor se referem, e a quem esse último nega semelhança com a protagonista Colette, diz respeito a Maria Oliveira de Barros, mais conhecida como Maria Boa.

Maria Boa é uma figura proeminente da história do Natal. Ela administrou uma Casa de Drink's, o Cabaré de Maria Boa, por quase meio séculos, entre os anos de 1940 e 1980, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, no bairro da Ribeira, mesmo espaço em que, na narrativa ficcional, Colette administrou seu cabaré.

Informações sobre Maria Boa podem ser localizadas em blogs, revistas de moda e fofoca, citações não referenciadas, documentos avulsos, fotografias sem créditos e demais formas de publicações anônimas ou abertas na rede mundial de computadores. No entanto, salvas raras exceções<sup>30</sup> a história de Maria Boa ainda não foi tratada como poderia pela literatura acadêmica, talvez por preconceito, falta de dados ou pelas duas coisas.

Tentando identificar dados sobre a vida de Maria Boa, localizamos referências a um exercício de autoria de Maria de Fátima de Souza intitulado “A época áurea de Maria Boa (Natal-RN 1999)”, menções ao artigo "Retratos de silêncio de Maria Boa", publicado em 2002 pelo professor Márcio de Lima Dantas e ainda a uma entrevista concedida a Everaldo Lopes pelo cantor Valdick Soriano, na qual ele teria afirmado que, quando esteve em Natal pela primeira vez, cantou para as meninas de Maria Boa.

A jornalista Eliade Pimentel no artigo “E o carnaval ficou na memória<sup>31</sup>”, no qual tenta rememorar a história dos carnavais de Natal, destaca a presença de Maria Barros nos desfiles

de carros, especialmente quando esses passaram a ocorrer na avenida Deodoro da Fonseca. Maria Boa desfilava em carros conversíveis e na companhia de Antônio Farache, homem de negócios e figura tradicional da família Farache, grupo familiar muito importante no ramo comercial de calçados, com atuação proeminente nas comunicações, especialmente no jornal “A Ordem”, no “Tribuna do Norte” e na Rádio Poty de Natal, bem como na história do time do ABC F.C.

Nesse aspecto Maria Boa se distingue de Madame Colette, essa última, bem discreta e reservada, evitava tanto o salão do Grande Hotel, maior e mais famoso hotel da cidade e, em relação ao carnaval, limitava-se a assisti-lo da varanda de sua moradia. Suas aparições públicas se restringiam a assistir as regatas a remo que disputavam esportes no Rio Potengi.

Há mais de uma versão que tentam dar conta dos motivos que teriam levado Maria Boa emigrar da Paraíba para o Rio Grande do Norte. Uma delas se baseia em uma desilusão amorosa que teria feito a paraibana<sup>32</sup>, de Campina Grande, se entregar ao comércio sexual em pequenos municípios da Paraíba, chegando até Natal na década de 1940. Após ter trabalhado em alguns bordéis na capital potiguar, teria acumulado recursos e conseguido financiar o seu próprio estabelecimento. Seu cabaré reuniria as mais bonitas moças a trabalharem no ramo na capital potiguar. Elas vinham do interior da Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte, muito bem instruídas pela própria administradora, se tornando uma referência em termos de prazer, luxo e refinamento.

O cabaré de Maria Boa era instalado em um casarão de arquitetura luxuosa no que hoje se conforma como o Bairro da Ribeira, arquitetura e localização são, mais duas, grandes semelhanças com aquele comandado por Colette. Um diferencial do Cabaré de Maria em relação aos outros espaços onde se podia beber, jogar e realizar fantasias sexuais na Natal do século XX era a manutenção de padrões de higiene distintos e rigorosos, além de que *suas meninas* eram versadas em etiqueta francesa, se vestiam, mesmo fora do cabaré e do horário de trabalho, à moda hollywoodiana e deveriam ter capacidade de se comunicar em outros idiomas, ou seja, deveriam ser capazes de satisfazer à mesa e à cama.

Apesar dos poucos estudos, afirma-se que Maria Boa tinha uma especial simpatia por música, cinema e livros, tendo adquirido o gosto por armazenar reportagens, revistas de moda e publicações variadas, o que teria lhe conferido certo domínio sobre variados temas. Como

Collete, que sem dificuldades citava clássicos da literatura e filosofia, Maria Boa detinha conhecimentos que não eram esperados em uma prostituta.

No entanto, como já apontamos, não há apenas uma versão sobre a chegada de Maria Boa a Natal. O jornalista Alderico Leandro Alvares<sup>33</sup> afirma que Maria de Oliveira Barros chegou ao Rio Grande do Norte na companhia de um rico comerciante da cidade, Nezinho Fernandes, que a teria deslocado como “empregada doméstica” para sua casa, em Natal. O próprio Nezinho, tendo sido o primeiro homem a manter conjunção carnal com Maria Barros e, para não ferir a moral familiar e nem desproteger a jovem moça, que então teria apenas 20 anos de idade, lhe ofereceu casa, roupa, comida e a condição de “amante doméstica”, como forma de aglutinar interesses distintos.

Posteriormente Maria Barros teria sido amante do Dr. Manoel Vilar, oftalmologista de renome e único da cidade do Natal. Segundo Alvares, ela sabia pouco ler e escrever, mas tinha uma inteligência exemplar, juventude farta e beleza admirável, ao que acrescenta Vinicius Morais, tinha também um gosto apurado por cinema, artes, música e literatura.

Acompanhando *importantes homens* Maria Barros teria passado a frequentar o salão do elegante Grande Hotel, estabelecimento este recorrentemente descrito no livro analisado. O Grande Hotel era modelo de requinte e luxo na cidade e, a partir dos encontros em seu salão, Maria Boa teria ampliando seus contatos, especialmente por causa das mudanças que ressoaram em Natal por ocasião da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

Quando faleceu, Maria Boa era uma septuagenária, tinha 77 anos e, após ficar internada na Casa de Saúde São Lucas, em virtude de um Acidente Vascular Cerebral, foi a óbito. Segundo consta, antes de ser internada ainda caminhava diariamente ao amanhecer pela Praia do Meio.

O contexto histórico em que o Cabaré de Maria Boa se tornou reconhecido remete aos anos 1940, quando a capital do Estado do Rio Grande do Norte contava com aproximadamente 55 mil habitantes e, por ocasião da instalação da maior base aérea estadunidense fora do seu território nacional, passou por uma significativa ampliação demográfica. A construção dessa Base foi fruto das negociações entre os presidentes Getúlio Dornelles Vargas e Franklin Delano Roosevelt e da entrada americana na II Guerra Mundial. Para a Base um número variante, entre 10 a 15 mil soldados americanos, seria destinado, incitando a atividades de grupos ainda pouco expressivos na cidade, como as prostitutas, e alterando o cotidiano dos seus moradores.



Nas cidades brasileira, do final do século XIX ao início do XX ampliou-se a jogatina, o consumo de música e a liberdade sexual (ou de outras possibilidades sexuais). O cabaré é, nas cidades, onde se pode encontrar reunidos músicas, jogos e sexo ... uma excelente expressão do 'desenvolvimento' urbano, muitas vezes visto como o lugar onde a moralidade é extirpada. Nesse contexto de mudança pela qual passava a capital potiguar, Maria Boa demonstrou grande visão nos negócios e inaugurou sua casa de prazeres no período em que reinava na cidade ampla prosperidade advinda da fixação da base militar americana em Parnamirim (BARROS, DALCIN, LIMA, 2012, p. 4).

Sobre este período há alguns trabalhos acadêmicos<sup>34</sup> e mesmo um filme<sup>35</sup>. Esse último tenta, de forma bem-humorada, retratar as mudanças culturais que foram sendo verificadas em Natal pela presença dos soldados estadunidenses naquele espaço.

Como se percebe, o cruzamento da literatura com outras linguagens do passado nos permitem entrever como as representações são elaboradas socialmente, na forma de rede compartilhada, criando sentido e significado para o *eu* e para os *outros*. Segundo Sandra Jovchelovitch a capacidade de representar não é produto de um sujeito isolado ou de um discurso isolado, mas é fruto de trocas e das relações, embora as representações sejam ligadas a lugar e sujeitos, que não a determinam, mas a incluem em um fluxo de disputas, competição que gestam a opressão ou a dominação daquilo que se representa. “A significação, portanto, é um ato que tem lugar (e só pode ocorrer) numa rede intersubjetiva, entendida como uma estrutura de relações sociais e institucionais dentro de um processo histórico” (JOVCHELOVITCH, 1998, p. 78) que envolve autores, instituições, leitores e a própria história.

A obra em questão, com a chancela de instituições culturais como ABE e o IHGRN, mesmo que agenciando uma narrativa fictícia, com uma articulação específica com a história documentada, relança nas engrenagens do pensamento social representações tradicionais sobre diversos sujeitos sociais e o faz se embaralhando em outras histórias, outras literaturas, outros personagens da vida real e da ficção.

A problematização das representações sobre as mulheres e o feminino não podem se concentrar apenas no senso comum ou naquilo que as ciências médicas afirmaram em uma determinada época. Essas representações são fruto de conexões e agenciamentos mais complexos que envolvem falas intencionadas e não-intencionadas, discursos cobertos pelo

verniz das artes e protegidos por instituições que deveriam estar mais preocupadas com os efeitos sociais dos discursos que produzem e promovem.

### *Ensaçando conclusões*

Para o narrador há uma “condição humana” que é a-histórica e universal, expressa em formas contínuas e homogêneas. Homens, jovens, mulheres, idosos, homossexuais, pobres, intelectuais e prostitutas padeceriam dos mesmos sabores e dessabores da vida em determinadas circunstâncias. Para ele o que confere esse caráter uniforme e regular às experiências, na natureza e condição humana, nitidamente, seriam fatores como idade, condição socioeconômica, formação intelectual e sexualidade. Como nos alerta Tania Navarro-Swain (2002) além do pensamento binário ser fundante na ciência e no pensamento ocidental a anunciação do sexo e da sexualidade dos sujeitos como sua essência são marcadores do modo como as sociedades modernas se organizaram, o que é confirmado por Anne Fausto-Sterling (2002, p. 09).

A autora supracitada adverte para o fato de que, a despeito de todos os avanços dos estudos/epistemologia, movimentos e crítica feministas, determinadas imagens do feminino ainda são recorrentes em propagandas de produtos destinados ao público masculino. No caso específico em que analisamos, embora licença deva ser feita à ordem poética e liberdade imaginativa da literatura, não se pode deixar de observar a recorrência de representações das mulheres e do feminino impregnadas no imaginário social de nossa época. De Levi-Strauss a Freud o sexo é o motor da vida individual e social, no livro que analisamos isso ainda não mudou, o sexo permanece como algo fora da cultural e da história e se torna, assim “O sexo razão de tudo” (FOUCAULT, 1998, p. 76).

A literatura, embora imersa nos universos das ilusões, do imaginário, do possível e do lúdico, é uma das formas de produção de conhecimento sobre o real/social, como o são as ciências, a filosofia, a mídia, a escola, as religiões e o senso comum. Os efeitos da posição sexuada de seus autores/ras, narradores/ras, leitores/ras e mesmo daqueles que os analisam, à luz de uma perspectiva desconstrucionista, elaboram sentido sobre o social, em relação ao passado, ao presente e ao futuro. Como nos ensinou Foucault, os discursos não são somente atos de fala, mas são práticas que formam os objetos de que falam.

Pensar a partir dessa ótica destitui o narrador do lugar de alguém que não produz efeitos sociais a partir do que narra e como narra e remove o leitor da posição de apenas um voyeurista. A dialógica da leitura cria sentidos sobre o mundo e esses sentidos transbordam as páginas do que lemos e ganham a forma nas relações sociais que estabelecemos.

O narrador de que tratamos reforça a maternidade e família como espaços de salubridade moral, social e mesmo as torna condições para a felicidade. Muito embora a personagem principal seja uma mulher, o seu destino e sua felicidade giram em torno de um homem, que ela torna seu filho em uma espécie de compensação por não ter exercido a maternidade quando isso lhe era possível.

Mesmo as personagens que ocupam um plano secundário na narrativa têm suas vidas e suas dores traçadas pelas decisões masculinas, por exemplo, a madrinha de Imaculada vive em um casamento infeliz com um homem que não mais a deseja. Podemos mesmo dizer que o grande mal da vida de Imaculada foram os homens e as decisões por eles tomadas: seu pai que a enviou para Natal, seu padrinho que não a protegeu quando poderia, seu primeiro amor, que a deixou pela guerra, seu segundo amante, que a levando para o Rio, trocou-a logo em seguida pelos negócios e o deputado, terceiro e último amante, que também a deixou quando sua beleza juvenil se esvaiu de seu corpo.

A vida de Imaculada não lhe pertenceu, foram as decisões dos homens que elaboraram a sua trajetória. Em última instância, foi também um homem, um narrador um tanto quanto machista, que nos comunicou a história, fictícia, de daquela personagem.

Nos resta então uma questão essencial: como tratar das histórias femininas, seja na literatura, seja na História, esboçando o sistema de dominação a partir do qual suas vidas são organizadas/desorganizadas, sem, no entanto, subtrair das mulheres o seu lugar de sujeito de seu próprio destino?

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ALVARES, Alderico Leandro. *Maria de Oliveira – “Maria Boa”*. Disponível em: <http://leandroalvares.blogspot.com.br/2009/07/ribeira-336.html>

BARROS, Yasmênia Evelyn Monteiro de; DALCIN, Jessica Freire e LIMA, Monique Maia de. Do esplendor do Cabaré de Maria Boa ao ostracismo do Beco da Quarentena (1942-1950). In: *Anais da ANPUH/RN*. Caicó, 2012. Disponível em: [http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST03/Do%20esplendor%20do%20Cabare%20de%20Maria%20Boa%20ao%20ostracismo%20do%20Beco%20da%20Quarentena%20\(1942-1950\).pdf](http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST03/Do%20esplendor%20do%20Cabare%20de%20Maria%20Boa%20ao%20ostracismo%20do%20Beco%20da%20Quarentena%20(1942-1950).pdf).

DAVIS, Natalie Zemon. Entrevista. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. (org.). *As muitas faces da história*. Nove entrevistas. São Paulo, SP: Unesp, 2000.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. *Correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Traduzido por Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV; São Paulo: Editora Unesp, 2012.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana, VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. p. 127 – 162.

*FILME FAR ALL* [For All: Springboard to victory (USA)]. Brasil. Gênero: Comédia – 1997.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Valter Arcanjo da Ponte. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17-18, 2001/2002, p. 9-79.

FOUCAULT, Paul-Michel. O dispositivo de sexualidade. In: *A história da sexualidade I: a vontade do saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1998. p. 73 – 123.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Re(des)cobrimdo o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: ARRUDA, Angela (org.). *Representando a Alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 69 – 82.

LEANDRO, Alderico. Maria de Oliveira, Maria Boa. *Asa Morena*. Disponível em: <http://leandroalvares.blogspot.com.br/2009/07/ribeira-336.html>

MORAIS, Vinicius. *Dando um rosto a história: Maria Boa e os B-25*. Disponível em: <http://moraishinna.blogspot.com.br/2010/02/dando-um-rosto-historia-maria-boa-e-o-b.html>

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas. *OPSI*, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 316-329, dez. 2015. ISSN 2177-5648. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/34189>. Acesso em: 17 ago. 2016.

NAVARRO-SWAIN, Tania. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. *Labrys*, Revista de Estudos Feministas, web, v. 1-2, n. jan/dez, 2002.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, nº 2, 2000. p. 09 – 41. (Originalmente publicado em 1999). Disponível em: <http://www.marcoareliossc.com.br/Nicholson.pdf>

OBREGÓN, Anibal Quijano. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org.). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: 2005. p. 107 – 130.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues. As representações do passado incaico e a problemática em torno dos conceitos de patriarcado e matriarcado na historiografia. *Labrys, études féministes* (Edition Française. Online), v. 14, (juillet/ décembre 2008 -julho/dezembro 2008) 2009. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys14/textos/susane.htm>

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal, 1920 – 1945*. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

PIMENTEL, Eliade. *E o carnaval ficou na memória*. Disponível em: <http://almadobeco.blogspot.com.br/2005/02/e-o-carnaval-ficou-na-memria.html>

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2000. p. 21-42. [http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia\\_feminista.pdf](http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf)

SPINK, Mary Jane Paris; MEDRADO-DANTAS, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2ª ed., São Paulo, SP: Cortez, 2000. p. 22 – 41.

SPINK, Mary Jane Paris. Representações sociais: questionando o estado da arte. *Psicologia & Sociedade*, 8(2), 1996, p. 166-186. <https://cristianorodriguesdotcom.files.wordpress.com/2013/06/maryjanepink.pdf>

## SITOGRAFIA

“Morre Virgínia Lane”. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globoteatro/noticia/2014/02/morre-aos-93-anos-atriz-e-cantora-virginia-lane-vedete-do-brasil.html>

*Convite lançamento do livro “Madame Colette”*. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/--2FkcEuA--U/UXge7AmvWDI/AAAAAAAAAFew/oNLMbPi4dGE/s1600/CAIO+CONVITE.jpg>

*Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN*. Disponível em: [http://ihgrn.blogspot.com.br/2013\\_04\\_01\\_archive.html](http://ihgrn.blogspot.com.br/2013_04_01_archive.html)

*Jornal Tribuna do Norte*. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/madame-colette-passeia-pela-ribeira-dos-anos-1940/248652>

*Jornal Tribuna do Norte*. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/caminhos-do-mons-expedito/248676>

*União Brasileira de Escritores – Seção Rio Grande do Norte*. Disponível em: <http://blogubern.blogspot.com.br/2013/04/madame-colette-o-novo-livro-da-autoria.html>

<sup>2</sup> É possível acompanhar notícias sobre o lançamento, o autor a obra nos dois endereços seguintes: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/madame-colette-passeia-pela-ribeira-dos-anos-1940/248652>>; <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/caminhos-do-mons-expedito/248676>>

<sup>3</sup> Informações biográficas recolhidas através da página do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN: [http://ihgrn.blogspot.com.br/2013\\_04\\_01\\_archive.html](http://ihgrn.blogspot.com.br/2013_04_01_archive.html)

<sup>4</sup> (Madame Colette, 2013, p. 216). Nas referências ao livro de literatura que analisamos optaremos pela nota de rodapé, e não o formato autor/data/página presente no corpo do texto, que será empregado exclusivamente para os trabalhos acadêmicos que servem de suporte teórico e metodológico da análise que aqui desenvolvemos. O formato diferenciado também tem por objetivos destacar o livro analisado como fonte, o caráter fictício de sua narrativa e atribuir um papel relevante ao narrador da trama literária, além de não tornar a presença de muitos parênteses, já que o uso dos fragmentos da narrativa literária é muito recorrente, um obstáculo à leitura. Essa diferenciação, portanto, tem uma justificativa metodológica no sentido de reconhecer a particularidade da fonte utilizada para a investigação e tornar a leitura do texto mais agradável.

<sup>5</sup> Página da Seção norte-rio-grandense da União Brasileira dos Escritores. Disponível em: <http://blogubern.blogspot.com.br/2013/04/madame-colette-o-novo-livro-da-autoria.html>

<sup>6</sup> Página do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – IHGRN. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/--2FkcEuA--U/UXge7AmvWDI/AAAAAAAAAFEw/oNLMbPi4dGE/s1600/CAIO+CONVITE.jpg>

<sup>7</sup> Dados disponíveis em: [https://www.infopedia.pt/\\$colette](https://www.infopedia.pt/$colette)

<sup>8</sup> Aqui nos referimos ao livro (e a obra em geral) mais conhecido, inclusive com uma edição em língua inglesa, do historiador brasileiro: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

<sup>9</sup> Para saber sobre a história de Natal nesse período em que a maior base aérea dos Estados Unidos foi montada fora de seu território nacional, ver: PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal, 1920 – 1945*. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

<sup>10</sup> (Madame Colette, 2013, p. 64). Grifos nossos.

<sup>11</sup> (Madame Colette, 2013, p. 224).

<sup>12</sup> (Idem, p. 134)

<sup>13</sup> A autora se refere, de modo específico a historiadoras/es que, a procura de sociedades matriarcais, acabam por incorrer na associação entre fertilidade, terra e feminino. De todo modo, enxergamos com perigosas essas associações do corpo feminino, de forma determinante, a sua capacidade reprodutiva.

<sup>14</sup> (Madame Colette, 2013, p. 11).

<sup>15</sup> (Idem, p. 167)

<sup>16</sup> Sobre a discussão da colonialidade do pensamento ver: OBREGÓN, Anibal Quijano. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. p. 107 – 130.

<sup>17</sup> (Madame Colette, 2013, p. 116).

<sup>18</sup> (Madame Colette, 2013, p. 161).

<sup>19</sup> (Madame Colette, 2013, p. 123).

<sup>20</sup> (Madame Colette, 2013, p. 155).

<sup>21</sup> (Madame Colette, 2013, p. 135).

<sup>22</sup> (Madame Colette, 2013, p. 197).

<sup>23</sup> (Madame Colette, 2013, p. 205).

<sup>24</sup> (Madame Colette, 2013, p. 155).

<sup>25</sup> (Madame Colette, 2013, p. 185).

---

<sup>26</sup> (Madame Colette, 2013, p. 148).

<sup>27</sup> (Madame Colette, 2013, p. 147 - 148).

<sup>28</sup> Há duas edições em português de *Gigi*, publicadas, em Lisboa/Portugal pela *Editora Estúdios Cor* em 1958 e, mais recentemente, pela *A Sangue Frio Editores*, ambas com tradução do Nobel de Literatura, José Saramago que, da mesma autora, também traduziu *Chéri* e *A Gata*. Disponível em: <http://www.josesaramago.org/gigi-de-colette-traduzido-por-jose-saramago/> e em: <http://www.eurochannel.com/pt/As-Heroínas-de-Colette.html>

<sup>29</sup> Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globoteatro/noticia/2014/02/morre-aos-93-anos-atriz-e-cantora-virginia-lane-vedete-do-brasil.html>

<sup>30</sup> BARROS, Yasmênia Evelyn Monteiro de; DALCIN, Jessica Freire e LIMA, Monique Maia de. Do esplendor do Cabaré de Maria Boa ao ostracismo do Beco da Quarentena. Disponível em: *Anais da ANPUH/RN*. Acesso em: [http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST03/Do%20esplendor%20do%20Cabare%20de%20Maria%20Boa%20a%20ostracismo%20do%20Beco%20da%20Quarentena%20\(1942-1950\).pdf](http://www.rn.anpuh.org/evento/veeh/ST03/Do%20esplendor%20do%20Cabare%20de%20Maria%20Boa%20a%20ostracismo%20do%20Beco%20da%20Quarentena%20(1942-1950).pdf).

<sup>31</sup> PIMENTEL, Eliade. *E o carnaval ficou na memória*. Disponível em: <http://almadobeco.blogspot.com.br/2005/02/e-o-carnaval-ficou-na-memria.html>

<sup>32</sup> MORAIS, Vinicius. *Dando um rosto a história: Maria Boa e os B-25*. Disponível em: <http://moraivinna.blogspot.com.br/2010/02/dando-um-rostto-historia-maria-boa-e-o-b.html>

<sup>33</sup> ALVARES, Alderico Leandro. *Maria de Oliveira – “Maria Boa”*. Disponível em: <http://leandroalvares.blogspot.com.br/2009/07/ribeira-336.html>

<sup>34</sup> PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu Misturo com Banana: carnaval e cotidiano de guerra em Natal, 1920 – 1945*. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

<sup>35</sup> *FAR ALL* [For All: Springboard to victory (USA)]. Brasil. Gênero: Comédia – 1997.